

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

GES
PCP

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DURANTE O ANO DE 1965

CRESCERAM AS LUTAS DOS TRABALHADORES

- por aumento de salários e melhores condições de vida
- contra o fascismo e a guerra colonial
- pela conquista da democracia

O ano de 1965 foi um ano de importantes acções de massas contra a exploração capitalista, contra a fome e a miséria, contra a guerra colonial e a ditadura fascista, pelas reivindicações mais sentidas dos trabalhadores.

A batalha pelas reivindicações económicas foi a batalha fundamental da classe operária. A luta por aumento de salários ganhou o apoio dos sectores principais dos trabalhadores.

Metalúrgicos, corticeiros, têxteis, operários e empregados dos telefones, portuários, químicos, operários das pedreiras, ferroviários, operários dos curtumes, bancários, empregados de seguros, operários da Carris, electricistas, mineiros, pescadores da sardinha e do bacalhau, jornalistas, empregados da imprensa, enfermeiras participaram na luta por aumento de salários, onde revelaram uma maior combatividade, uma maior consciência de classe.

À voz do P. Comunista, concentrando-se nas empresas, reclamando nos sindicatos, elaborando abaixo-assinados e cadernos reivindicativos, criando comissões de unidade nas empresas e comissões sindicais para a direcção da luta nos sindicatos, conseguiram aumento de salários de 10\$, 8\$, 6\$ e 4\$ e os operários de muitas empresas do Ribatejo e do Oeste, os corticeiros da Margem Sul, os operários de curtumes de Alcanena, os portuários de Lisboa, os bancários e empregados de seguros, os operários da Lisnave, da Parry & Son (Almada), os salineiros de Alcochete, os mineiros da Panasqueira, os electricistas do Porto, os jornalistas e empregados da imprensa e outros sectores da classe operária.

Na CUF do Barreiro, os trabalhadores, aproveitando os meios legais de luta — Comissão Interna da Empresa, concentrações na gerência, pequenas paralisações e «cera» e os meios ilegais de acção conseguiram obter sucessos parciais. Foi-lhes concedido o subsídio de férias, de turno, de baixa a sijnistrados e as promoções.

Concentrações nos sindicatos, paralisações e greves

O ano de 1965 viu recrudescer com uma frequência poucas vezes atingida a luta reivindicativa através dos sindicatos.

Vinte mil ferroviários denunciaram o contrato colectivo e requereram aumento de salários, utilizando o seu sindicato. O mesmo caminho seguiram os motoristas, os portuários, que obtiveram já uma vitória parcial, os operários da Carris, que em dias sucessivos se concentraram, em número de 2.000 no seu sindicato, os têxteis, que impuseram ao patronato um novo contrato colectivo.

Nove mil trabalhadores auxilia-

res da indústria de transportes viram aumentados os seus salários em consequência da luta reivindicativa no sindicato.

Empenharam-se também na luta sindical os pintores das construções navais, os trabalhadores do ramo da indústria de óleos vegetais, os tipógrafos do Porto, os enfermeiros de Lisboa, os louseiros de Valongo, os descarregadores da região de Aveiro, os operários da construção civil de Espinho, os empregados dos colégios do Porto, os engraxadores da mesma cidade.

Pero Pinheiro foi a pérola revolucionária das lutas de 1965. Os marceneiros desta região — canteiros, polidores, serradores, cabouqueiros — elevaram a um grau superior a

(continua na pág. 2)

PARA O BANCO DOS RÉUS A DIRECÇÃO DA C.P.

Depois da tragédia de Custóias, onde cerca de uma centena de pessoas perderam a vida e muitas outras ficaram incapacitadas para o trabalho, três grandes desastres ferroviários acabam de enlutar largas dezenas de lares. Não fala-

mos já de outros desastres ocorridos nos últimos tempos e das tragédias das passagens de nível que vêm aumentando de volume e de consequências.

Quais as causas de tão frequentes e tamanhos desastres?

Na resposta a estas perguntas podem-se encontrar não somente as causas fundamentais, mas também os responsáveis, verdadeiros criminosos, que é preciso julgar e condenar.

Material ferroviário. No estado de desgaste e de desprezo em que se encontra o material circulante e as vias férreas está uma das causas dos desastres.

Sem a renovação suficiente do material antiquíssimo, sem a cuidadosa reparação das linhas, sem que os grossos subsídios, dados pelo governo à C.P., deixem de ir parar aos bolsos dos directores da Companhia, não se podem evitar tamanhas tragédias.

Excessos de lotação. Depois do mau estado do material e das vias férreas, o excesso de lotação nos comboios e auto-motoras é uma das causas que mais contribuem para os desastres.

O governo faz uma apertada vigilância à camionagem particular e aplica pesadas multas quando uma camioneta transporta um passageiro a mais, mas dá à C.P. carta branca para que transporte pessoas como sardinhas em lata. A tragédia de Custóias foi ocasionada pelo facto das carruagens levarem mais do triplo dos passageiros.

Vencimentos dos ferroviários. Pagando salários miseráveis e reduzindo cada vez mais o pessoal, ape-

(continua na pág. 2)

O VI CONGRESSO

indica a luta como meio para elevar os salários!

Ratificando a linha de massas traçada pelo Comité Central, o VI Congresso indicou uma vez mais à classe operária e aos trabalhadores que só o caminho da luta por reivindicações económicas, políticas e sociais, pode conduzir à melhoria das condições de vida, à conquista da liberdade, da democracia e da paz, ao triunfo da Revolução Democrática e Nacional.

O ano que acaba de findar foi

um ano de importantes lutas da classe operária e de largas massas de trabalhadores, ele representa uma valiosa caminhada na difícil escalada revolucionária do povo português. O ano que agora entra, vai, como tudo indica, continuar na mesma linha ascendente da evolução revolucionária, pois que, a incapacidade e desinteresse do governo para solucionar os grandes problemas nacionais, não deixa aos trabalhadores e ao povo por-

tuguês outra alternativa que não seja a da luta.

Em vez de pôr fim à guerra das colónias como o deseja a imensa maioria da nação, o governo destina-lhe mais cerca de meio milhão de contos, quer dizer, de 3.592 mil contos orçamentados para 1965, passou a 4.040 mil contos para 1966. Naturalmente que de tão elevados gastos para a guerra têm de resultar mais privações e miséria para o povo português. Em vez de medidas para elevar o nível de vida dos trabalhadores e do povo, os governantes na tentativa de atrair capitais estrangeiros acenam constantemente com o baixo custo da mão de obra nacional e afirmam que ela assim se manterá por largos anos. O próprio Salazar respondendo às reclamações dos trabalhadores por melhores salários afirmou a «inutilidade ou nocividade desses remédios porque as altas salariais se reflectem nos preços e estes nos valores da moeda, tudo voltando ao começo». (Discurso de 18 de Fev. de 1965).

Contudo, não seria necessário que os responsáveis fascistas confirmassem a sua política de miséria porque os trabalhadores, as donas

(continua na pág. 2)

CONVERSÇÕES DE ÁLVARO CUNHAL com dirigentes de partidos irmãos

No passado mês de Dezembro, Alvaro Cunhal, secretário geral do Partido Comunista Português deslocou-se à Checoslováquia, Roménia e Bulgária, onde teve conversações com vários dirigentes dos partidos Comunistas desses países. As conversações versaram sobre problemas que interessam o movimento comunista e a situação internacional.

O camarada Alvaro Cunhal foi informado de aspectos importantes do desenvolvimento económico

e geral operado nos três países socialistas.

O secretário geral do Partido Comunista Português fez uma exposição sobre a situação política nacional, salientando a importância do VI Congresso do nosso Partido e das perspectivas políticas que se apresentam à sua acção.

Posteriormente, Alvaro Cunhal deslocou-se à União Soviética, onde concedeu uma entrevista à Rádio Central de Moscovo sobre a situação política portuguesa.

NÃO É PELA PÁTRIA

que os nossos soldados morrem

O senhor Franco Nogueira, designado ministro de Salazar, para os negócios estrangeiros, afirmava há tempos numa conferência de imprensa em Washington, repetindo um velho argumento de Salazar, que não havia guerra nas colónias. Tudo tinha terminado com a destruição dos últimos núcleos de terroristas.

Santa hipocrisia sem escrúpulos a deste senhor Nogueira! E para quê?

Para o vermos titubiar o seu atrevimento diante do Conselho de Segurança da ONU, quando a política colonialista do governo português e a sua guerra criminosas foram de novo condenadas.

O assunto voltou outra vez à discussão. Por proposta da Comissão de Curadorias, a Assembleia Geral da ONU acaba de aprovar uma resolução para que os estados membros cortem as relações diplomáticas com o governo português, proibam o acesso de navios e aviões de Portugal nos seus territórios, cessem o fornecimento e envio de armas ao governo de Salazar. Condena-se com igual firmeza a continuação da guerra colonial.

O que se passa na realidade em África? Terá razão o senhor Franco Nogueira e os seus amos capitalistas?

Segundo um comunicado recente da Frente de Libertação de Moçambique, 70 soldados portugueses perderam a vida em várias operações militares. A luta libertadora generalizou-se naquele território. As forças patrióticas abriram novas frentes de luta.

Em Angola aumenta igualmente o número de soldados portugueses mortos em combate.

Na Guiné, as derrotas infligidas às tropas colonialistas forçaram-nas ao abandono de novas áreas e à perda de dezenas de vidas humanas. Quase metade do território da Guiné está hoje nas mãos das forças militares libertadoras e sob administração popular.

Os gastos com a guerra cresceram em perto de meio milhão de contos

em relação ao ano passado. A lei dos meios, aprovada recentemente na Assembleia Nacional estabelece carta branca para a criação e cobrança de novos impostos, para suprir os encargos crescentes com a guerra colonial. Os governantes salazaristas — segundo o afirma a própria lei dos meios — dão prioridade «aos encargos extraordinários com a defesa».

Defesa de quê? Do território nacional? Não! A defesa dos monopólios e do execrando regime colonialista. Em Angola instalaram-se recentemente novas empresas monopolistas. A MABOR criou uma nova Fábrica de pneus. A Companhia de Petróleos de Angola conseguiu do governo novas vantagens e nova ajuda financeira, para a continuação da exploração dos ricos jazigos petrolíferos de Moçambique.

Não é pela Pátria que os nossos soldados morrem. É pela defesa dos monopólios que a guerra continua, que a nossa juventude se sacrifica.

Mas uma guerra de opressão e de chacina não pode contar com o apoio do povo e da juventude que aspiram a um presente de paz, a uma vida digna e livre.

Desenvolvamos novas e mais potentes acções contra a guerra colonial!

O VI CONGRESSO INDICA A LUTA...

(continuado da pág. 1)

de casa, o povo português sente no dia a dia como os orçamentos familiares estão cada vez mais escassos, como a mesma quantidade de dinheiro deixa o cabaz das compras cada vez mais vazio. Por isso mesmo, só por ironia ou desvargonha se pode admitir que as Estatísticas fascistas falem de estabilização dos preços e o próprio Ministro das Finanças venha na proposta da Lei de Maiores afirmar: «que se mantém a tendência para a subida dos salários nas indústrias e transportes em ritmos que ultrapassa a elevação dos preços ao consumidor (...) de parte considerável da população activa das duas principais cidades do Continente».

A política de miséria do governo e a exploração dos capitalistas nacionais e estrangeiros, tem a classe operária e os trabalhadores respondido com a intensificação das lutas reivindicativas conduzidas, tanto nas empresas, como nos Sindicatos, nas herdades, etc. É certo que nem todas elas terminaram com por cento vitoriosas, mas nem por isso ficam diminuída a sua importância, além de se terem alcançado aumentos de salários, os trabalhadores saíram delas mais experientes e unidos e isso será valioso para preparar e desencadear novas lutas.

No Relatório Sobre a Actividade do Comité Central apresentado ao VI Congresso pelo camarada Alvaro Cunhal diz-se:

«As condições são favoráveis, não só para prosseguir como para alargar, intensificar, elevar a um nível superior a luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações económicas imediatas; pelo aumento de salários, por novas condições colectivas, pelo cumprimento do horário de trabalho, pela observância dos feriados, contra a intensificação do trabalho, contra as multas e castigos, contra os despedimentos, etc.

Quais as direcções fundamentais desta luta?

A primeira é a acção nas empresas, por

meio de Comissões, de concentrações, de pequenas paralizações, do método de «fazer cereas» e de outras formas de fazer pressão sobre o patronato.

A segunda é a acção nos Sindicatos Nacionais, pela ida de comissões, pela apresentação de abaixo assinados, pelas concentrações e assembleias, pela concorrência às eleições com vistas a colocar à frente dos sindicatos trabalhadores da confiança da classe.

A terceira é o esforço para a coordenação das lutas em empresas do mesmo ramo, e mesmo de ramos diversos, à escala local, regional ou nacional, seja pela formação de Comissões de classe, ou Comissões coordenadoras, ou Comissões de Delegados Operários, seja pelo envio de delegados que estabeleçam contactos e estudem em comum, reivindicações a apresentar e formas de luta.

A quarta é o recurso audacioso à greve, quando uma larga unidade dos trabalhadores se forjou em formas de luta anteriores, quando o patronato e o fascismo se recusam obstinadamente a atender as reivindicações apresentadas.

A luta reivindicativa é um dos aspectos fundamentais da resistência do povo português contra a política fascista. Quando adquire o aspecto de amplas acções de massas, que defrontem sempre a oposição da burocracia fascista, a intervenção do governo, a favor dos exploradores e as brutalidades do aparelho repressivo, elas adquirem o carácter de lutas políticas. Nas condições existentes em Portugal, uma greve mesmo por reivindicações económicas, é sempre uma importante batalha política contra a ditadura fascista.»

O ano de 1966, que para desgraça do povo português assinala os 40 anos de regime fascista, pode pois, ser um ano de grandes lutas pela melhoria das condições de vida, pela conquista das liberdades democráticas, da democracia, da paz, e da independência nacional.

CRESCERAM AS LUTAS DOS TRABALHADORES

(continuação da pag. 1)

sua luta pelo aumento de 10\$00 nos seus salários, desencadeando a greve, defrontando a repressão, resistindo às manobras do patronato e do fascismo, criando os organismos de luta legal — as comissões de unidade e de luta clandestina — o comité de greve — que souberam assegurar a direcção da luta.

A «cerea» as paralizações foram praticadas por milhares de trabalhadores para fazerem triunfar as suas reivindicações. Utilizaram-na com proveito os operários da CUF. Paralisando o trabalho e fazendo greve os operários da MABOR-DAB viram aumentados de 5\$00 os seus salários. Idêntica atitude tiveram os operários da fábrica Têxtil de Tomar e outros sectores da classe operária.

O 1º de Maio — a mais importante jornada de luta pela democracia

O dia 1º de Maio — jornada internacional dos trabalhadores — ganhou o coração da classe operária portuguesa.

Os milhares e milhares de trabalhadores que se manifestaram em Lisboa aos gritos de Liberdade Democrática Amnistia tornaram posição aberta contra o regime, assinalando o profundo descontentamento do povo trabalhador.

As manifestações de rua, as greves, as reuniões de confraternização que se realizaram na Margem Sul do Tejo, no Alto e Baixo Alentejo, Alentejo Litoral, Ribatejo, Beiras e Algarve exprimem o amadurecimento político da classe operária, o seu ódio ao fascismo, o seu amor aos Ideais da Democracia e do Socialismo.

As lutas dos operários agrícolas e dos camponeses

Não cessou no campo a luta pelas oito horas de trabalho. Além dos operários agrícolas do Alentejo, do Ribatejo e do Algarve, lutaram igualmente pela aplicação das oito horas os trabalhadores rurais do Bombaral, que conseguiram ver legalizada esta conquista e aumentados os salários. Registraram-se novas lutas por aumento de salários no Baixo Alentejo, no Alentejo Litoral, em Trás-os-Montes.

Acções de massas contra o desemprego tiveram lugar no Alentejo e no Ribatejo, e em outras regiões.

As lutas dos pequenos e médios camponeses ganharam maior importância, no decurso de 1965.

Os rendeiros da Quarteira e os proprietários de Ribadouro resistiram ao roubo das terras.

Registraram-se novas lutas camponesas contra as taxas e impostos.

Os camponeses da região do vinho verde recusaram-se a pagar a taxa de \$15.

Uma poderosa luta, acompanhada de concentrações massivas nas câmaras municipais, teve lugar numa vasta área que se estende da Beira Alta à Beira Litoral, abarcando milhares de vinicultores.

A luta contra a guerra colonial e outras acções de massas

As deserções no exército, o carácter massivo que tomam, assinalem a resistência que se vem registando sob várias formas à criminalidade política salazarista em África, Milha-

res de jovens negam-se a fazer o sujo guerra colonial.

A classe operária, o nosso povo, manifestam também a sua revolta contra os bárbaros fascistas, em acções de massas, como as que tiveram lugar em Balcizão, e noutras localidades, nas recusas colectivas em contribuir para a guerra colonial, como fizeram os operários da CUF, do Baixo Ribatejo, do Alentejo Litoral, como o fizeram os enfermeiros de dois hospitais de Lisboa.

A repressão aumentou, para abafar o descontentamento popular. Mas o ódio e a luta contra a repressão não deixam de crescer e de se organizar.

Ao lado do povo, na sua justa luta, encontram-se a juventude universitária, que promove, mais uma vez o elevado espírito combativo que a anima, na defesa de uma Universidade Livre e de associações livres e de uma cultura progressiva.

Os nossos intelectuais participaram activamente na luta no decurso de 1965. Eles mostraram que não são apenas criadores de uma cultura renovadora e nacional, que honra as nossas melhores tradições. Eles são também combatentes da Democracia, que erguem a sua voz e a sua pena contra a ditadura fascista.

1965 não foi um ano de pequenas lutas. A batalha contra a exploração contra a guerra colonial e a ditadura enfraqueceu ainda mais o fascismo salazarista, preparou as novas etapas da luta, em que se vão desenvolver os pequenos movimentos reivindicativos para dar origem a grandes lutas de massas, a grandes paralizações, a grandes greves, a grandes manifestações de rua, que preparem o levantamento nacional armado, o derrubamento da ditadura, o triunfo da democracia.

PARA O BANCO DOS RÉUS

(continuação da pag. 1)

sar do aumento do tráfego, a C.P. força os seus empregados a um excesso de trabalho. Em vez do respeito pelo horário das oito horas, os ferroviários vêm-se forçados, pelas necessidades económicas e aperto de serviços a fazer horas extraordinárias, o que reduz a sua capacidade de atender às imensas responsabilidades que sobre eles recaem.

A juntar a estas causas haverá naturalmente outras e todas elas tendem a agravar a situação, se o povo português não inicia uma luta activa à escala nacional para forçar o governo e a C.P. a proceder à melhoria da toda a rede ferroviária, se o pessoal da C.P. e de outras empresas não lutar igualmente contra uma tal situação, por um aumento substancial de salários.

AS MEDIDAS DE SEGURANÇA sancionam a prisão perpétua

O coro de protestos contra as medidas de segurança não cessa de crescer, quer em Portugal quer no estrangeiro.

Além fronteiras está em curso uma larga campanha pela libertação de José Vitoriano.

As centrais sindicais de numerosos países socialistas e capitalistas da Europa, Ásia, África e América Latina participam na campanha de solidariedade a José Vitoriano, para que ele seja libertado sem demora. Participam igualmente na campanha contra as medidas de segurança.

Está também em curso uma campanha internacional pela libertação de Sofia Ferreira, igualmente detida do abrigo das medidas de segurança, depois de ter terminado a sua condenação de 5 anos de cárcere.

Em Portugal, a classe operária, a juventude, os intelectuais, as mulheres tomam parte activa na cam-

panha pela libertação de José Vitoriano e de todos os presos políticos.

Em torno de Natália David e Albina Fernandes pelo desenvolve-se presentemente uma acção de solidariedade para que termine a sua detenção arbitrária, ao abrigo das medidas de segurança.

As condições em que se encontram Carlos Aboim Inglês, Augusto Lindolfo, José Bernardino, João Raimundo, Carlos Brito, Maria Albertina Diogo — todos eles submetidos à acção das celeradas medidas de segurança exige que se reforce e amplie a luta nacional e internacional contra as medidas de segurança, pela libertação de José Vitoriano, de Sofia Ferreira e de todos os presos que já terminaram as suas penas.

Amnistia para todos os presos políticos! Abaixo a repressão fascista!



OS OPERÁRIOS LUTAM E VENCEM!

registam-se novos sucessos nas lutas reivindicativas

Cidla (Moita) — Apoiada na vontade dos trabalhadores a comissão de unidade dos operários do Parque de Enchimento do Gás-Cidla no Rosairinho, exigiu do engenheiro que fosse satisfeito o aumento de salário já há muito reclamado.

Alguns dias depois de enviada uma nova exposição foi concedido um aumento de 8\$00 diários. Na mesma altura foi também inaugurada a cantina que fornece aos operários refeições a 3\$00 o que representa também uma vitória que os operários devem defender, não permitindo que a qualidade das refeições seja piorada, nem o seu preço seja elevado.

Cerâmica Lusitana (Moita) — Depois duma concentração junto do escritório e de outras diligências os trabalhadores, na sua maioria mulheres e jovens, alcançaram um aumento de 9\$20. Não sabemos ainda se este aumento abrangeu todos os trabalhadores da empresa.

Aldemiro e Mira (Alhos Vedros) — Uma parte importante das mulheres que trabalham nesta empresa foram aumentadas em 5\$00 quando lhes cabia um aumento de 6\$00. Este infame explorador que se destaca em todo o género de patifarias, para roubar as operárias passou algumas destas para uma especialidade de trabalho diferente só para não dar os 6\$00. Naturalmente que as operárias desta empresa saberão encontrar formas de obrigar o patrão a dar-lhes o que lhes compete, seja indo em massa reclamar aquilo que lhes pertence, seja reduzindo a produção e paralisando o trabalho.

Sem luta não é possível vencer, mas quando se tem de enfrentar um tão miserável explorador, então a luta é ainda mais necessária e indispensável.

Nicolas (Barreiro) — 17 mulheres que trabalham com as máquinas e vinham sendo infamemente exploradas conseguiram um aumento de 7\$00, passando de 28\$00 a 35\$00 diários. Este aumento deve ser ex-

tensivo a todos os trabalhadores da empresa e os operários devem organizar-se e lutar para alcançar outros, pois 35\$00 diários, é, perante o elevado custo de vida, um salário de miséria.

Trefileria (Sacavém) — Aos pedidos de aumento de salário respondeu o patronato com o aumento do prémio para o dobro. Este aumento que representa uma vitória dos trabalhadores não deixa de ser uma manobra dos capitalistas para dividir os trabalhadores, para quebrar a sua luta e intensificar ainda mais os ritmos de trabalho.

Manifestação junto da Câmara de Viseu — 40 trabalhadores da construção civil realizaram uma manifestação junto da Câmara para protestar contra o não pagamento dos seus salários. Mais de uma centena e meia de pessoas juntaram-se aos trabalhadores e apoiando-os activamente fizeram uma verdadeira manifestação contra as autori-

dades, prontificando-se estas a pagar os salários em atraso. É de salientar que no dia anterior os fascistas tinham tentado fazer uma «manifestação de desagravo» que pelo número de pessoas e pelo entusiasmo que elas mostravam mais parecia um funeral que uma manifestação política. Os visenses comentavam depois que a verdadeira manifestação a tinham feito os trabalhadores em luta e as pessoas que se lhes juntaram.

Cova do Gato (Santiago do Cacém) — Parte do pessoal desta empresa cerâmica opôs-se com êxito a que o patrão lhe roubasse cerca de 10\$00 diários. Entretanto foi enviada uma exposição ao Sindicato exigindo a revisão de salários que para alguns trabalhadores não ultrapassaram a miséria de 29\$70.

Trabalhadores da Cerâmica, a vossa luta junto do Sindicato é justa, mas é junto dos patrões que a luta principal deve ser conduzida.

É GERAL A INSATISFAÇÃO do pessoal da A.P.T.

APT (Porto) — É geral a insatisfação dos trabalhadores de todas as categorias e profissões quanto aos salários que auferem. Pressionada pelos trabalhadores, a Comissão Sindical avistou-se com a direcção do Sindicato exigindo que actue para que seja obtido um aumento geral de salários. Em algumas secções foram recolhidas assinaturas para uma Exposição a enviar à direcção da empresa a reclamar também aumento de salários. Com o mesmo fim alguns operários avistaram-se ainda com um director que, desculpando-se com a impossibilidade de resolver o problema, aconselhou os operários a irem à cantina comprar fiado!

Trabalhadores dos APT do Porto, não deveis aceitar tal solução. Não é a comprar fiado que resolvereis a vossa situação. O que precisais é de um aumento de salários que corresponda ao custo de vida e enquanto o não conseguirdes não deveis deixar de lutar na empresa e no sindicato. Se vos não derem o aumento reduzi ou paralisai o trabalho.

O QUE SE PASSA NAS EMPRESAS

CUF — O descontentamento continua a ser grande devido à discriminação nas promoções através das quais os tubarões da CUF pretendem dividir e iludir os trabalhadores da empresa. A comissão de recursos criada em consequência do grande descontentamento reinante entre os operários, tem reconhecido a todos os reclamantes a sua razão, mas só a alguns promete aumento, aconselhando os outros a ter paciência e esperar mais um ano, como se os trabalhadores pudessem fazer face ao aumento do custo de vida com a razão que lhes reconhecem!

Entretanto, na zona têxtil, os operários têm continuado a recorrer à cera como forma de luta para forçar o patronato a atender as suas justas reivindicações. São pois os operários da zona Têxtil que indicem o caminho a seguir.

Sem deixar de utilizar a Comissão de Recursos, a C.I.E., etc, as reivindicações que constituem as aspirações de todos os trabalhadores só podem ser alcançadas desde que os protestos colectivos, a greve, as pequenas e grandes paralisações, a greve, se generalizem a toda a empresa. Este é o único caminho que assegurará aos trabalhadores da CUF a vitória total sobre os seus exploradores.

CP (Barreiro) — Nas oficinas da empresa nesta localidade existe o maior descontentamento. Além de lardarem a ser atendidos os aumentos de salário, os trabalhadores são vítimas das maiores perseguições, castigos e multas, ao mesmo tempo que lhes exigem que aumentem a produção.

Além disso, apesar de nestas oficinas trabalharem cerca de 1.000 operários, não existe sequer um chuveiro, nem condições dignas para guardar a roupa ou compartimentos para a mudar.

Vê-se assim que os senhores de CP e os locais que os servem só têm a preocupação de explorar ao máximo os trabalhadores da empresa, não recuando diante de nenhum processo incluindo o roubo mais descarado.

NITRATOS DE PORTUGAL — A falta de protecção no trabalho está a arruinar a saúde de muitos trabalhadores. O fecho de não ter até aqui faltado mão de obra para substituir os operários doentes ou aqueles que abandonam a empresa, deixa os magnates dos Nitratos absolutamente à vontade para continuarem a sua criminosa exploração.

Operários dos Nitratos, não consintais que vos arruinem a saúde. Unidos e pela lu-

ta podeis obrigar os exploradores a recuar.

DELEGADOS DE PROPAGANDA (Porto) — Os delegados de propaganda médica desta cidade estão há tempo a lutar pela assinatura dum contrato colectivo de trabalho opondo-se à manobra de alguns lacaios do patronato e do governo que querem desviar nesta altura a luta para instalação imediata duma secção sindical que pudesse vir depois assinar um CCT em separado no Norte com vencimentos inferiores aos delegados do Sul. Conhecedores da manobra os Delegados da Propaganda do Norte ainda que interessados na criação da secção sindical pretendem justamente, ver antes de tudo, resolvida a questão da assinatura do CCT para toda a classe.

TÊXTEL TEJO (Alenquer) — Apesar das várias demarches e acções dos trabalhadores para conseguirem aumento de salários, este continua a não ser satisfeito. Isto significa que para alcançarem os aumentos que pretendem, os operários do Tejo têm de passar a outras formas de acção; à cera, às paralisações, à greve.

MUNDET (Seixal) — Os operários desta empresa por trabalharem a prémio não beneficiaram do último aumento de salários. Porém os trabalhadores de Mundet não devem aceitar seja a que protesto for que lhes roubem o aumento conseguido pela classe.

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO DO SUL — Esta numerosa classe profissional tem-se movimentado para conseguir a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho que lhe assegure aumento de vencimentos de acordo com a subida do custo de vida.

A LUTA SINDICAL

E AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES NOS SINDICATOS FASCISTAS

Os trabalhadores têm sabido, dum maneira geral, aliar a luta na empresa com a luta no sindicato. 1965 foi um bom ano de lutas, em que, aqui e ali, um pouco por toda a parte, com justo destaque para os marmoristas de Pero Pinheiro, tal facto se verificou. Algumas vitórias parciais foram alcançadas; outras lutas prosseguem.

Um aspecto da luta sindical, que não deve ser menosprezado dada a sua importância e que se inclui na luta geral dos trabalhadores pela satisfação dos seus problemas mais imediatos, é o das eleições sindicais.

Nos primeiros meses de 1966, ha-

verá eleições em muitos sindicatos. Urge, por isso, que os trabalhadores se preparem para apresentar listas de unidade.

As eleições sindicais devem servir para continuar a luta económica, ou para lhe dar início, conforme os casos. Cada comissão organizadora de listas de candidatos deve elaborar uma relação das reivindicações dos trabalhadores e divulgá-la nos locais de trabalho. Que cada lista seja amplamente divulgada nas fábricas, nas oficinas e nos escritórios. Que cada grupo de candidatos informe os seus companheiros de trabalho da actividade que se propõe realizar no caso de ser eleito.

Todos os operários às próximas eleições! Organizemos listas de unidade, para que sejam eleitas pela classe.

Todos os operários aos sindicatos! Todos os operários às eleições!

ALARGUEMOS AS LUTAS

Para que as lutas da classe operária pelas suas reivindicações fundamentais ganhem novas forças e obtenham novos sucessos é preciso fazê-las passar do âmbito da empresa, para o da localidade ou do bairro, para o da região, para o do país inteiro.

A luta por melhores salários é uma luta de todos os trabalhadores, que interessa a toda a classe operária. Daí a necessidade de desenvolver as ligações entre os trabalhadores do mesmo ramo de produção da mesma zona industrial. Daí a necessidade de organizar a luta à escala nacional, para que ela ganhe maior força combativa; para que os trabalhadores elevem o nível das suas lutas e passem a uma fase superior de acção contra o poder dos monopólios, pela defesa dos seus interesses, pelo triunfo da Democracia.

Lê e divulga o «AVANTE!»

CRÓNICA INTERNACIONAL

**O IMPERIALISMO AMERICANO
AMEAÇA A PAZ MUNDIAL**

A guerra criminoso imposta pelos imperialistas americanos ao Vietnam ameaça transformar-se num conflito mundial.

Os governantes dos Estados Unidos permanecem surdos aos protestos e avisos da União Soviética, dos outros países socialistas e amantes da paz, para que cesse a bárbara agressão ao Vietnam e a sua intervenção sangrenta na vida interna deste país.

Foços e nações, no mundo inteiro, protestam com uma intensidade cada vez maior, contra os crimes dos imperialistas americanos, que só têm paralelo nos crimes e brutalidades dos nazistas, exigindo ao mesmo tempo que os Estados Unidos respeitem os acordos de Genebra, para que retirem as suas tropas daquele país, para que deixem ao povo vietnamita a solução dos seus problemas.

As forças progressivas do mundo, tendo na vanguarda os países socialistas, estão ajudando a heroica luta do povo do Vietnam e defendem a causa sagrada da sua independência.

Mas os imperialistas americanos, seguindo a via da intervenção aberta na vida interna dos povos, seguindo o caminho da agressão e da guerra, continuam bombardeando intensamente os centros industriais da República Democrática do Vietnam e do Vietnam do Sul, as zonas agrícolas, as populações indefesas, as escolas, hospitais e templos.

Os Estados Unidos transformar-se no gendarme da reacção mundial, no maior perigo para a paz.

Esquecendo os ensinamentos do nazismo, a derrota da Coreia, o insucesso da intervenção de Cuba, os imperialistas americanos mostram-se dispostos a esmagar pela violência mais brutal a justa aspiração dos povos à independência e à liberdade, ajudando ao mesmo tempo as forças reaccionárias instaladas no poder ou varridas pela luta dos povos.

Não o mostrou a intervenção dos Estados Unidos na Cuba socialista, na República Dominicana, na acção armada dos mercenários de Tchombé, na República do Congo, contra o movimento de libertação daquele país?

Na recente conferência da Organização dos Estados Americanos, no Rio de Janeiro, os imperialistas dos Estados Unidos pretenderam impor a criação de um exército intercontinental, destinado a esmagar as lutas populares da América Latina.

Quem estimula os revanchistas da Alemanha Federal? Quem pretende armar estes com a arma nuclear? Quem protege o apoio os velhos generais de Hiller, instalados em cargos responsáveis?

São os círculos dirigentes dos Estados Unidos que realizam uma tal acção, que levam a cabo uma tal política.

São ainda os Estados Unidos que possuem bases militares em território de Portugal e apoiam a política de guerra salazarista nas colónias, que é, por si só, uma ameaça à

paz mundial.

Mas no território do Vietnam os imperialistas americanos pisam uma terra que escaalda. A luta toma proporções cada vez maiores. Os Estados Unidos não ganharão esta guerra.

Na América Latina cresce a luta libertadora dos povos. Cresce a resistência armada da classe operária na Venezuela, Bolívia, Peru, Guatemala, Panamá e Colômbia. Crescem as grandes greves dos trabalhadores no Uruguai, Argentina, Chile e nos outros países da América Latina. S. Domingos tornou-se um bastião da luta e da resistência ao imperialismo americano.

Em África e em Ásia a luta de libertação nacional não se detém, embora os imperialistas tudo façam para a separar.

O VI Congresso do P.C.P. assinalou mais uma vez que não há possibilidade de destruir o estado fascista e de construir a democracia se não expulsarmos do nosso território os imperialistas estrangeiros, que apoiam Salazar e exploram o povo trabalhador.

Conjugando a acção revolucionária do povo português e das mais amplas camadas sociais contra o imperialismo americano, com a acção revolucionária de outros povos e nações, que combatem tenazmente os fomentadores de guerra dos Estados Unidos apressamos e hora da libertação nacional, do derrubamento da Ditadura fascista, do triunfo de Democracia e defesa de uma Causa da Paz.

**SALVEMOS AS VIDAS
do capitão Varela Gomes e José Rolim**

O capitão Varela Gomes está gravemente doente. O seu estado de saúde requer uma assistência clínica rigorosa que só pode ser-lhe prestada num hospital ou numa casa de saúde. Esta é a opinião do professor Fernando da Fonseca, categorizada figura da Medicina portuguesa. Mas o governo salazarista opõe-se ao internamento do capitão Varela Gomes.

O capitão Varela Gomes é conhecido no país inteiro e além fronteiras como um democrata consequente e corajoso. Candidato a deputado nas eleições de 1961, conquistou a simpatia do povo pelas suas atitudes de desassombro e de firmeza política. À frente do povo, participou nas manifestações de rua, du-

**NOVO PLANO ESTATAL SOVIÉTICO
foi aprovado no Soviete Supremo**

No passado mês de Dezembro, o Soviete Supremo da URSS aprovou o novo plano estatal soviético.

O plano prevê um aumento global de 8,5 por cento para toda a indústria, durante o ano de 1966. O aumento da energia eléctrica será de 12,3 por cento, o da metalurgia de 6,4 por cento. Novos ritmos de produção serão registados no sector da construção de máquinas e em especial na fabricação de automóveis e de máquinas ferramentas. A renda nacional crescerá, em relação ao ano transato, em 6,4 por cento.

No domínio agrícola o plano estatal para 1966 prevê igualmente um aumento geral da produção. A pecuária deverá registar um considerável avanço. Aumentará, em grande escala, a produção de algodão, beterraba açucareira, girassol e outros produtos da terra.

O novo plano estatal soviético estabelece a melhoria da qualidade dos artigos de consumo popular.

Em 1966 crescerá, em grandes proporções, a construção de mora-

dias. Prevê-se a construção de uma área residencial que abarca uma superfície de 90 milhões de metros quadrados. Serão edificadas, aproximadamente, três milhões de habitações.

Os serviços públicos às populações rurais crescerão a um ritmo mais rápido, de modo a aproximar os serviços públicos prestados às populações das cidades, dos serviços públicos às populações das aldeias.

O agravamento da situação internacional levou a um aumento de despesas destinadas à defesa. Mas apesar do aumento registado, os gastos do orçamento soviético com o sector da defesa não vão além de 12,8 por cento em relação ao total dos gastos públicos. Em Portugal o governo salazarista depende perto de 45 por cento com os gastos de guerra!

O novo plano estatal soviético é um plano de paz, que visa o bem estar económico do povo soviético, o desenvolvimento técnico, científico e cultural dos povos da URSS, mas que tem igualmente em conta a defesa das conquistas revolucionárias do povo soviético e dos povos do mundo inteiro, ameaçados pelos actos de intervenção e de guerra dos imperialistas.

**SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL
À LUTA DO POVO PORTUGUÊS**

Com o recrudescimento da luta do nosso povo, tornou-se impossível para o fascismo continuar a manter a muralha de silêncio com que durante anos conseguiu impedir que chegasse além fronteiras o eco da nossa luta e o conhecimento real da situação portuguesa. Hoje, estas são cada vez mais divulgadas em todo o mundo. As enormes verbas dispendidas pelo S.N.I. em propaganda e em artigos principisamente pagos na imprensa estrangeira, já não conseguem impedir esse conhecimento. A solidariedade internacional à heroica luta do povo português, oprimido mas nunca vencido, aumenta dia a dia. Seja para os operários ou os estudantes em luta, para os pescadores ou os marmoristas de Pero Pinheiro em greve, para os homens ou as mulheres encarcerados; trate-se de apoio moral ou material, de toda a parte nos chega o calor dessa solidariedade. Ela vem das organizações partidárias, sindicais, juvenis, femininas e culturais da União Soviética, da Checoslováquia, da França, da Itália, da Argélia, do Brasil, dos povos em luta nas colónias portuguesas, de Bulgária, da China, da República Democrática Alemã, do Vietnam, da Espanha, da Indonésia, da Grécia, do Uruguai, da Bolívia, da Bélgica, do Chile, do México, da Argentina, da Grã-Bretanha, da Índia, da R.A.U., do Canadá, da Finlândia, da Suíça, da República Federal Alemã, da Holanda, da Venezuela, da Colômbia, do Japão, da República Dominicana, de Israel, do Haiti, do Ceilão, do

Nepal, do Líbano, da África do Sul, da Síria, da Costa Rica, da República Afgaxa, de Bahrin, do Congo, do Mali, da Nigéria, do Senegal. Vem dos Estados Socialistas, da Organização da Unidade Africana (com destaque para alguns dos países membros) e de outros governos progressistas e amantes da Paz. Vem das organizações internacionais — da Federação Sindical Mundial, da União Internacional dos Estudantes, da C.O.S.E.C., da Associação Internacional dos Juristas Democratas, do Conselho Mundial da Paz, da Federação Democrática Internacional das Mulheres, da Federação Mundial das Juventudes Democráticas, da Conferência Internacional dos Estudantes, da Liga Internacional do Ensino, do Congresso Permanente de Unidade Sindical dos Países de América Latina.

Esta solidariedade em apoio à luta do povo português, deu já muitos e bons frutos. O povo português e a classe operária recebem a solidariedade internacional como incentivo à sua justa luta, a qual prossegue sem desfalecimento.

O povo português e a classe operária saberão ser dignos dessa solidariedade e cumprirão também o seu dever internacionalista. Cumprir-lo-ão no que respeita à solidariedade para com todos os povos em luta contra o colonialismo, a começar pelos povos das colónias sob domínio salazarista, seus aliados na luta contra o opressor comum. Cumprir-lo-ão para com a classe operária de todos os países,

rante o período eleitoral contra a política fascista.

A 1 de Janeiro de 1962, chefiou o assalto ao quartel de Beja, onde foi gravemente ferido.

Também o camarada José Rolim tem a vida em perigo. A polícia recusa-se a libertá-lo, para que possa tratar-se de uma grave enfermidade.

Não revela uma tal atitude os objectivos criminosos dos dirigentes fascistas? Não se mostram eles dispostos a aplicar de novo os seus sinistros processos de morte lenta?

Ante esta nova situação torna-se dever imperioso reforçar e alargar a luta contra a repressão, contra os métodos criminosos da PIDE e do governo de Salazar.

É necessário organizar e aplicar a acção à escala nacional e internacional, em defesa da saúde e vida do capitão Varela Gomes e de José Rolim, em defesa da saúde e da vida de Joaquim Pires Jorge, Blanqui Teixeira, António Dias Lourenço, Octávio Pato, Américo de Sousa, José Magro, Carlos Costa, Sofia Ferreira, Alda Nogueira, dirigentes queridos da classe operária e do povo português.

Detenhamos as mãos dos assassinos fascistas! Liberdade para os presos políticos!

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite todos os dias em ondas curtas de: 25 metros — às 7 horas da manhã 32 metros — às 19 e 21,15 horas 36, 40 e 43 metros — às 23,30 horas 19, 20, 25 e 26 metros — aos domingos às 12 horas.

Ouve a Rádio Portugal Livre Divulga-a junto dos seus amigos!

RÁDIO «VOZ DA LIBERDADE»

Transmite todas as quartas e sábados, a partir das 0,15 horas, em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e ondas médias de 230 e 320 metros.

Escutai as emissões da Frente Patriótica de Libertação Nacional!

RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente para Portugal das 19,30 às 20 horas e das 20,30 às 21 horas nas ondas de 31 e 49 metros.

**A FUGA DE PENICHE
UMA VITÓRIA HISTÓRICA**

A 3 de Janeiro passou o 6º aniversário da histórica fuga de Peniche. Nesse dia, 10 destacados militantes numa acção absolutamente coordenada e apoiada pela direcção do Partido no exterior, arriscando a vida romperam a «muralha» de betonetas e isolamento que os cercava e de novo retomaram o seu lugar na luta pela libertação da Pátria, contra a miséria e a exploração da classe operária e do povo português.

A importância desta histórica fuga, tem-se reflectido em muitos aspectos da activi-

dade do Partido. Pode dizer-se que, muitos dos principais sucessos do Partido desde então, com ela se relacionam. Nunca como nestes anos o prestígio interno e externo do Partido foi mais elevado; nunca o peso da solidariedade internacional à luta do nosso povo se fez sentir tão fortemente como na actualidade.

Dela se não pode desligar igualmente a realização recente do VI Congresso do Partido e os documentos nele aprovados, em especial o Programa e Estatutos,